

27 NOV 2000

*Elizabete Pinheiro***COISAS DA POLÍTICA**

■ TEODOMIRO BRAGA

2002: mais para 89 do que para 98

A sucessão de acontecimentos políticos pós-eleições municipais vai dando contornos mais nítidos ao cenário da eleição presidencial. O fato mais recente foi a deflagração, na semana passada, da guerra pela sucessão nas duas casas, do Congresso entre os principais partidos que ajudaram a eleger Fernando Henrique em 1994 e 1998. As animosidades e ressentimentos aflorados no episódio revelaram as dificuldades que os dirigentes dos três partidos enfrentarão para repetir a coligação, pela terceira vez, nas eleições presidenciais de 2002.

Outro acontecimento significativo foi o lançamento, em Joinville, da pré-candidatura do senador Pedro Simon à presidência pelo PMDB. Teria sido um fato corriqueiro não fosse o enorme entusiasmo com que os militantes do PMDB presentes ao encontro festejavam a iniciativa, numa clara demonstração de que as bases pemedebistas cansaram de ver o partido como coadjuvante de segunda classe em eleições presidenciais. "Os militantes do PMDB não aceitam ver o partido, de novo, sem candidato à presidente", diz o senador Jader Barbalho, seu presidente.

Até o início do ano, parecia remota a possibilidade de que os atuais donos do poder, no plano federal, se apresentassem com mais de um candidato no pleito de 2002. Ainda é fresca, na memória dos caciques do PFL, PMDB, PSDB e PTB, o retumbante fiasco da divisão da chamada centro-direita no pleito de 1989, o que abriu espaço para um aventureiro vencer a primeira eleição a presidente em três décadas.

As crescentes dificuldades de entendimento entre os partidos de sustentação de FH, porém, apontam para o desmoronamento da coligação. Um deles já está com um pé fora do barco situacionista. Ao confirmar sua fusão com o PDT, o PTB irá se bandear para a oposição, após anos de namoro às escondidas e demonstrações públicas de infidelidade ao Palácio do Planalto. Outro fator que certamente está estimulando os candidatos da coligação pró-FH a tentar vôo próprio, no primeiro turno, é que não há mais hipótese de o outro lado largar a disputa com candidato único.

"Será um processo eleitoral fragmentado, com candidatos de diferentes espectros", prevê João Francisco Meira, diretor do instituto de pesquisa Vox Populi. "Hoje, estamos mais para 1989, quando tivemos sete candidatos de expressão, do que para 1998, quando a eleição se polarizou desde o início entre Lula e Fernando Henrique", avalia o ex-governador Eduardo Azeredo. Os sete candidatos de expressão em 1989, para refrescar a memória, foram Ulysses Guimarães, Mário Covas, Aureliano Chaves, Afif Domingos, Leonel Brizola, Lula e o azarão Collor.

Quarta vez

A divisão já uma realidade do lado da oposição, com a consolidação das candidaturas de Lula, Itamar Franco e Ciro Gomes. Essas candidaturas se fortaleceram muito nos últimos meses, embora cada uma ainda tenha problemas difíceis a resolver. O mais fácil é o problema de Lula. Ele tem um único desafiante dentro do partido, o senador Eduardo Suplicy.

Quem vai decidir se Lula será candidato, na verdade, é o próprio Lula. E a decisão já está tomada: ele quer porque quer concorrer à presidência pela quarta vez consecutiva. "Com quase 30% de preferência nas pesquisas, por que Lula abriria mão da candidatura?" questiona o diretor do Vox Populi. A candidatura de Suplicy perdeu viabilidade com a eleição de sua mulher para a Prefeitura de São Paulo. Não há, no PT, quem se anime com a idéia de ver um Suplicy na Prefeitura de São Paulo e outro concorrendo pelo partido à presidência.

O problema de Itamar, arranjar um partido de peso que lhe dê tempo na TV, está quase resolvido: o PSB, um das agremiações políticas que mais se fortaleceram no país nesta década, já lhe ofereceu a legenda e agora só falta marcar a data da assinatura de filiação. Se Lula se mantém estável nas pesquisas, entre 27% e 30% das preferência dos eleitores, Itamar também permanece, há mais de um ano, na faixa entre 12% e 13% das sondagens de opinião para a Presidência da República.

Outro aspecto a considerar é que Itamar não tem conseguido ampliar seu apoio no seu próprio estado. Ele detém a preferência de cerca de um terço ou pouco mais do eleitorado mineiro. Este é um dado positivo, se comparado com governadores que tiveram sua popularidade arruinada pelo desgaste do poder, como Covas. Para quem pretende concorrer à presidência, no entanto, Itamar precisa de muito mais apoio em Minas, segundo maior colégio eleitoral do país.

Este respaldo virá, apostam vários especialistas, convencidos de que os mineiros não negarão seus votos a um candidato do estado, se ele se mostrar viável. Vale registrar, nesse sentido, a existência de um sentimento antipaulista em Minas, em termos políticos, em razão do ressentimento popular pelo prolongado predomínio de São Paulo no governo federal. Este sentimento, aliás, é nítido em vários outros estados da federação e certamente vai pesar na campanha de 2002.

Com intenções de voto beirando os 20%, Ciro Gomes parece desfrutar de uma posição excepcional para brigar pelo trono – ou melhor, pelo Palácio do Planalto – em 2002. Primeiro, ele precisa arrumar um partido que lhe dê mais que um ou dois minutos diários na TV, caso vá à luta apenas como candidato do pequeno PPS. Uma alternativa viável para Ciro, no cenário que está aí, é se aliar ao partido que surgirá da fusão do PTB com o PDT.

Esperando a bonança

No caso dos partidos da situação, nenhum deles terá problema de tempo na TV, caso optem por candidato próprio. Uma opção, nesse sentido, ainda vai demorar. Pragmáticos, os donos da decisão no PFL e no PMDB vão aguardar a propalada melhoria do quadro econômico. Se isto ocorrer, Fernando Henrique terá papel fundamental na formação da chapa à sua sucessão. Um fator de inquietação é que ainda não há sinais do período de bonança. A disputa pelas presidências da Câmara e do Senado, por sua vez, poderá deixar feridas difíceis de curar.